

"Uma autora naturalmente
engraçada e calorosa." – LISA JEWELL

Jenny
COLGAN

Um lugar muito distante

Um conto passado
na pequena
ilha da Escócia





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

Um lugar
muito
distante



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente

importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Jenny
COLGAN
Um lugar
muito
distante



Título original: *A Very Distant Shore*

Copyright © 2017 por Jenny Colgan
Trecho de *Endless Beach* © 2018 por Jenny Colgan
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Dandara Morena

preparo de originais: Camila Fernandes

revisão: Mariana Bard e Pedro Staite

projeto gráfico e diagramação: Abreu's System

capa: Siobhan Hooper | LBBG

imagem de capa: Kate Forrester

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

foto da autora: © Charlie Hopkinson

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C659L

Colgan, Jenny

Um lugar muito distante [recurso eletrônico] / Jenny Colgan; tradução
Dandara Morena. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2022.
recurso digital

Tradução de: *A very distant shore*

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 9786555653984 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Morena, Dandara. II. Título.

22-79596

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Sumário

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro



Capítulo um

– Nome?

– Já disse – respondeu o homem. – Já disse várias vezes.

Saif sabia que não adiantava ficar com raiva nem perder a paciência. Se isso acontecesse, seria mandado de volta para o fim da fila, o que significaria outra noite ao relento. Embora a primavera estivesse próxima, ainda não havia chegado.

O frio parecia atingir até seus ossos; não conseguia lembrar como era se sentir aquecido – aquecido de verdade.

– Saif Hassan. De Damasco.

– Em que escola estudou? Qual era o nome do prefeito da cidade? Qual é o nome da rua comercial principal?

Todas essas perguntas eram para pegá-lo, fazê-lo errar, para separar os somalianos e tunisianos sem sorte, mas cheios de esperança. Ele tinha até conhecido um homem do Haiti, talvez o refugiado mais improvável da

guerra do Oriente Médio que ele já vira. Havia outros, de países dos quais mal tinha ouvido falar – e Saif conhecia um pouco do mundo.

Ele respondeu às perguntas de novo e de novo, enquanto os homens atrás dele na fila sussurravam uns para os outros: “O que ele disse? O que ele está perguntando? Anota aí.” Ficou parado, paciente, e aguardou, agarrado à mochila preta, a única coisa que tinha conseguido tirar do barco.

A única coisa.



Capítulo dois

Lorna estava atrasada de novo. Desligou o rádio do carro e as tantas notícias horríveis que aconteciam no mundo. Sabia que havia coisas muito piores do que estar atrasada, porém, no momento, saber disso não adiantava nada.

– Vem, pai – disse ela, ao sair do carro.

Segurou o braço do velho conforme ele saltava devagar e olhou para o relógio, nervosa. Com certeza ia se atrasar. Seu coração se apertou quando percebeu que já havia uma fila na frente do consultório.

O vento chegou de repente, vindo do oeste, fazendo cair uma ou duas gotas do que parecia ser chuva. Por favor, não. Tempestade, não. Fazer um homem de 74 anos esperar debaixo de um temporal de primavera não era nem um pouco justo. Mas havia uma longa fila para se consultar com o último médico da remota ilha escocesa de Mure.

– Me deixa aqui e pronto – murmurou ele, como sempre fazia.

– Para de ser bobo – rebateu Lorna.

Angus não ouvia nem metade do que fingia ouvir. Nunca escutava o que

o médico lhe dizia. E Lorna não sabia ao certo a que horas seriam atendidos, se é que conseguiriam. Havia pelo menos dez pessoas na frente: mães com crianças chorando, velhinhas que pareciam estar até contentes por passear, trabalhadores de aparência triste olhando para o celular.

– Pode ser que demore – avisou ela. – Mas eu vou entrar para acomodar o senhor.

Isso significava perder a reunião das crianças. A Sra. Cook teria que comandar. Mas Lorna sabia que os pequeninos da escola – e seus pais – preferiam muito mais quando a diretora estava presente. Ela quis gritar de frustração. Irritada, pôs o cabelo ruivo e cacheado atrás das orelhas.

– Só tinha um médico aqui quando eu era jovem – constatou Angus.

– É, mas tinha bem menos pessoas quando o senhor era jovem – respondeu Lorna. – E todas morreram em acidentes com máquinas de fazenda ou de causas naturais antes dos 55 anos. Os médicos não eram tão necessários.

– É, bom... – rebateu Angus. – Na época, o médico era o Dr. MacAllister, o mais novo. Se bem que não era tão novo assim. Ele assumiu o consultório depois do pai, o velho Dr. MacAllister, que *também* assumiu depois do pai...

– Que usava sanguessugas – afirmou Lorna.

Ela olhou para o relógio. Era amiga de Jeannie, a recepcionista, mas não adiantava nada. Ela não quebraria seu galho. E não havia a menor possibilidade de Jeannie abrir a porta de aço antes de 8h30 em ponto.

– Você tem que ir, querida – declarou seu pai quando ela olhou para o relógio mais uma vez.

– Não, pai – disse, irritada consigo mesma por estar mal-humorada. – Está tudo bem.

Com certa preocupação, Lorna pensou de novo no número de matrículas da escola para o ano seguinte. Estava baixo mais uma vez. O problema era que não conseguiam um médico novo para a ilha; logo, as pessoas não queriam se mudar para lá. Preferiam ir para Orkney, ou para algum outro lugar mais movimentado, ou ficar em Glasgow e pronto. As coisas estavam ruins por todo canto.

Todos sabiam que a posição de clínico geral tinha sido anunciada havia

oito meses sem que um único candidato aparecesse. O mesmo se repetia em todo lugar. Havia uma grande escassez de médicos no país inteiro, e muito poucos queriam levar suas habilidades extremamente necessárias para uma ilha tão pequena e distante.

Lorna suspirou quando Jeannie chegou e fez um alvoroço ao destrancar e erguer a porta de aço. Eram exatamente 8h30.

A fila, à qual muitas pessoas tinham se juntado desde que Lorna e o pai chegaram, avançou. Lorna pensou, de forma um pouco insensível, que era provável que os primeiros da fila nem sequer precisassem ir ao médico. Ela seguiu andando, ainda segurando o braço do pai, até o calor acolhedor da sala de espera superaquecida.



Capítulo três

Saif sabia que havia muitos refugiados na fila esperando atendimento no estábulo ao lado da grande cerca de arame farpado. A multidão também tinha percebido que era numerosa demais para que todos fossem atendidos naquele dia; logo, as pessoas estavam se empurrando.

Ele sabia que não deveria se aproximar delas. Era alto e sua presença sobressaía. Era mais velho do que a maioria dos homens, mas seu corpo podia atrair agressões. Tudo que queria era ficar longe de problemas. Já presenciara o suficiente para uma vida inteira.

A situação, porém, estava ficando feia. Os policiais atrás da cerca tinham sumido no momento, e havia cotoveladas e gritos no fundo da multidão. Ele cruzou o olhar com uma mulher muito jovem com um bebê quieto – quieto demais – num carrinho velho e caindo aos pedaços, e os dois desviaram o olhar.

Chega de problemas. Por favor.

Aconteceu muito rápido. Na verdade, foram só gritos. Só isso. Então, veio

o berro de uma mulher e, no mesmo instante, um punhado de guardas bem armados entraram pela porta do estábulo. Vieram do nada, um ainda mastigando, de porretes erguidos e armas de fogo nas mãos. Logo o lugar foi tomado por um silêncio mortal. Os homens se afastaram, de cabeça baixa, como meninos travessos que foram pegos fazendo bagunça enquanto a professora estava fora da sala de aula.

Mas a mulher continuava a gritar. As cabeças que tinham se enrijecido, encarando o chão, desesperadas para não atrair atenção, começaram a olhar ao redor.

O homem no comando dos guardas disse algo na própria língua que era claramente um palavrão. Saif deu uma olhada rápida.

A mulher segurava uma criança nos braços, um menininho de no máximo 7 ou 8 anos. Ele não chorava, o que preocupou Saif, mas seus olhos estavam arregalados de medo, a pele pálida. O sangue jorrava de uma ferida no ombro. Estava óbvio que um dos jovens portava uma faca e algo tinha dado muito errado.

A multidão se dividiu para dar espaço à mulher. O comandante falou no rádio, mas recebeu uma resposta de que obviamente não gostou. Ele olhou ao redor, gritando em diferentes línguas:

– Médico? *Médecin? Tabib?*

Mais uma vez, todos encararam o chão. Saif deu um suspiro. Não era a primeira vez e não seria a última. Ele ergueu a mão.

– Eu – informou em voz baixa.



Capítulo quatro

– Então, quando vai ser a consulta? Ele está com a cabeça assim há três semanas. Não consegue mexer.

– Lorna, você sabe que eu faço o que posso – respondeu Jeannie, encarando o computador.

Parecia que, se ela clicasse o bastante, o tempo do Dr. MacAllister se expandiria num passe de mágica e novos horários apareceriam. Ele deveria ter se aposentado havia um tempo. Todos sabiam. No entanto, até que surgisse um novo médico, ele não conseguiria deixar o posto. Na verdade, precisavam de *dois* médicos novos. Não era possível cuidar da ilha sozinho, era um absurdo.

Continuar trabalhando era uma atitude nobre do velho médico, claro, mas não era nem um pouco prática. Ele já estava cansado. Estava ficando mais cansado. Visitar os pacientes em casa tornava-se cada vez mais difícil, e ele não sabia usar computador. Nunca tinha aprendido, o que significava que Jeannie passava longas horas extras não remuneradas tentando organizar os

registros. Como os exames eram enviados de barco para o continente, às vezes precisavam esperar o clima colaborar para obter os resultados.

Jeannie e o médico estavam por um fio, e ambos sabiam disso. Sandy MacAllister tinha começado a tomar um gole extra de uísque quando chegava em casa à noite, mesmo sabendo que isso deixava tudo ainda pior. Sua esposa estava aflita. Tinham criado três filhos sadios na ilha, rapazes espertos e fortes, o orgulho dos pais. Um era dentista em Edimburgo, um estava na faculdade de medicina de Cambridge e o outro vacinava crianças na África para a Cruz Vermelha. Nenhum deles dava muita importância para a ilha de Mure.

Jeannie ergueu a cabeça e olhou para a amiga.

– Deixa ele aqui – disse ela. – Mas não fala nada pros outros. Não quero ninguém resmungando no meu consultório.

– Mas você...

– Vou dar um jeito. Sandy fala comigo e eu anoto tudo para você.

– Jeannie, você não existe.

– NÃO CONTA pra ninguém.

Jeannie se virou para o próximo na fila, o pobre Wullie MacIver, cujos três talentos – lavar janelas, dirigir táxi e beber sidra – o deixaram muito mal.

– O que aconteceu dessa vez, Wullie?

– Fratura por esforço? – respondeu Wullie, esperançoso. – Talvez seja uma baita distensão, isso, sim.

Ambos olharam para o pé dele, descalço e muito sujo. Estava enorme, inchado e num tom bem escuro de roxo.

– Até mais – disse Jeannie para Lorna, que, cheia de gratidão, acomodou o pai com uma revista de assuntos rurais e disse que tudo daria certo.

Depois disparou pela porta.



Capítulo cinco

Todos os olhos observavam Saif conforme ele dava um passo para a frente, a mão segurando com firmeza a mochila preta.

– O médico do campo está ocupado – declarou o comandante, encarando-o com cautela. – Você é médico de verdade? Aqui tem muitos médicos de mentira. Falam que são médicos para conseguir um passaporte.

Antigamente, esse tipo de coisa deixaria Saif irritado. Não deixava mais. Ele simplesmente abriu a mochila, com o estetoscópio, o desgastado medidor de pressão e alguns curativos que restavam. O comandante assentiu quando ele se agachou.

– É seu filho? – perguntou Saif, em árabe, para a mulher, que, aterrorizada, confirmou em silêncio. – Qual é o nome dele? – Ele olhou para a criança. – Qual é seu nome?

– Medhi – sussurrou o menininho, de olhos arregalados e corpo trêmulo. – Tá doendo! Tá doendo! Tá doendo!

– Eu sei – disse Saif. – Eu sei. Vou dar uma olhada, tá bom? Só uma

olhadinha. Prometo que não vou fazer nada sem avisar antes.

Saif pegou a tesoura – Medhi o observava, ansioso – e cortou com delicadeza a roupa no ombro. Percebeu, pelo som de preocupação que a mãe fez, que aquelas eram as únicas roupas do menino, mas agora estavam encharcadas de sangue.

Enquanto ele removia com cuidado os farrapos de tecido da ferida, Medhi grunhia. Lágrimas escorriam por seu rosto. O menino havia aprendido, em algum lugar, por algum motivo, a permanecer bem, bem quieto. Saif não queria saber como.

A ferida era profunda e ainda sangrava muito. Saif olhou o estábulo silencioso ao redor. Havia um jovem sentado num canto; era magro, mas musculoso, e usava um conjunto de calça e agasalho, velho e imundo. Parecia não fazer a barba havia uns três dias. Tentava parecer adulto, porém, na verdade, também não era mais do que um menino. Ele tremia e chorava baixinho. Saif o encarou até o garoto ter certeza de que havia sido avistado. Então, voltou ao trabalho.

– Vou precisar de álcool – informou ele ao guarda. – E remédios, se tiver.

– Achei que vocês, muçulmanos, não bebem – respondeu o homem no comando. – Que hora estranha para beber, né?

Seus companheiros riram, até aqueles que provavelmente não falavam inglês. Era mais seguro entrar na onda do chefe.

– Para esterilizar a ferida – explicou Saif, ignorando a piada. Nunca escute. Nunca responda. – E, se tiver analgésicos, também vão ser úteis.

Trouxeram álcool isopropílico enquanto Saif tentava estancar o fluxo de sangue. Não havia lugar para pôr um torniquete. E no campo não conseguiam encontrar nada mais forte do que paracetamol. Saif supôs que os outros remédios tinham sido roubados.

Ele olhou para a mãe do menino, imaginando se ela compreendia o que precisava ser feito.

– Vou ter que suturar – avisou ele.

A mãe ficou boquiaberta e na mesma hora começou a chorar de novo. O menino virou a cabeça, em pânico.

– Você precisa ficar calma – pediu Saif, mas ela não conseguia.

Todos ali haviam passado por maus bocados. Grandes perigos, grandes desafios. Mas todo mundo tinha um limite, e aquele era o dela. Ela gritou e balançou os braços para proteger o menino; as outras mulheres se reuniram em volta dela, formando um círculo de apoio e mantendo-a numa roda segura de corpos femininos.

– Não se preocupe, Medhi – falou Saif com a voz mais calma que conseguiu. – Vou fazer uma coisa para você melhorar. Vai doer, mas depois não vai mais doer e vai sarar.

– Vai cortar meu braço com essa tesoura? – perguntou o menino.

– Não, claro que não – respondeu Saif.

O rosto do menino relaxou um pouco, e Saif sentiu um aperto no peito ao pensar no que estava prestes a fazer. Não havia outro jeito de deter o sangramento.

– Preciso de três homens – anunciou ele. Ao ver que ninguém se voluntariou, ele escolheu os dois maiores homens que conseguiu avistar. – E você – acrescentou, fazendo sinal para o adolescente trêmulo no canto.

O jovem teria que se sentar e aguentar a dor da criança. Se isso não lhe desse uma lição, nada daria.

Cada homem ficou responsável por segurar um braço ou perna. O rosto de Medhi se tornara uma máscara de terror, mas Saif não lhe cobriria a boca, pois não podia arriscar deixar que ele sufocasse. Enquanto o menino continuasse gritando, o médico saberia que ele ainda estava bem.

Fazendo uma rápida oração, Saif foi para o canto do estábulo e começou a lavar as mãos.



Capítulo seis

Felizmente, a chuva havia parado quando Lorna voltou para seu amado carro Mini e tomou a rua principal em meio ao vento. Como era frequente naquela época do ano, todas as quatro estações deram seus sinais em Mure no período de meia hora. Açoitadas pelo vento, campânulas-brancas brotavam do solo espichando a cabeça robusta e crocos desabrochavam por todo lugar.

Lorna seguiu pela orla, diminuindo a velocidade, embora estivesse atrasada, para ver uma garça pousar com perfeição à beira-mar. Ela virou à esquerda na colina, por fim chegando ao trabalho.

A escola era tão antiga quanto a própria paróquia. O chão cinza fora amolecido e desintegrado por gerações de pezinhos de Mure, apesar de o número de alunos ter aumentado e diminuído durante as épocas difíceis, emigrações e guerras. A construção era quente no inverno – enquanto muitas das casas eram frias, ficando vazias no outono se a colheita fosse tardia e muito cheias na época do Natal.

Ela marchou pelo pátio, que no momento estava vazio, sorrindo para

outro atrasado, que a olhou com temor nos olhos e murmurou:

– Bom dia, Srta. Lorna.

– Vai entrando, Ranald MacRanald – ordenou ela, e ele correu para dentro com as pernas rechonchudas cheias de sardas.



A reunião estava quase no fim. Havia seis crianças no primeiro ano do ensino fundamental. Não importava quantas vezes ela contasse, não era o suficiente. Sabia que a pequena Heather Skinner tinha acabado de ser diagnosticada com diabetes tipo 1, uma tragédia para a família, claro, mas também para a ilha. Os Skinners eram uma família recém-chegada. O pai trabalhava numa plataforma de petróleo e queria um lugar seguro e confortável para a jovem família crescer. Mas não conseguiriam ficar ali, porque precisariam de um hospital.

Lorna foi em direção ao seu escritório pequeno e desarrumado. Como sempre, o arrogante Malcom, do sexto ano, esperava por ela do lado de fora, por ter arrumado encrenca em algum lugar. Malcom mal completara 10 anos, mas já tinha os ombros largos e o corpo robusto de gerações de homens de Mure que estavam acostumados a tanger o gado por aí. Ele não dava a menor importância para a escola, e ela, com frequência, concordava com ele. Nada que Lorna fizesse ou dissesse adiantava. Ele queria muito ser suspenso para poder se juntar aos irmãos mais velhos, trabalhando no campo, consertando motos velhas e gastando o salário modesto no bar. Ela apenas o cumprimentou com a cabeça e decidiu lidar com ele sem demora.

O formulário estava em sua mesa, enterrado sob vários Currículos Nacionais Básicos. As pessoas achavam que era fácil administrar uma escola pequena, mas ela lidava com tanta burocracia quanto as diretoras de outras escolas, mas com apenas metade da equipe para cuidar de tudo. Lorna pegou o formulário. Era do conselho local e dizia “Formulário de solicitação B2/75 de médico clínico emergencial”. Precisavam de uma carta de recomendação de um “membro respeitado da comunidade”, o que parecia significar ela, a

diretora solteirona. Lorna suspirou. Tinha só 30 anos, mas as pessoas se casavam cedo por ali.

Ela ligou o computador barulhento e antigo e começou a digitar uma carta para as autoridades.



Capítulo sete

Saif não conseguiria contar depois quanto tempo passara trabalhando, embora tivesse agido rápido e do modo mais seguro possível. Tudo pareceu um sonho, de tão concentrado que ele estivera: o suor na pele de Medhi e o quanto ele tinha se esforçado para não gritar; o adolescente chorando enquanto segurava as pernas do menino, orando por perdão; o silêncio no grande estábulo, exceto pelos soluços ocasionais da mãe da criança.

Saif nem notou o homem chegar enquanto terminava, com suor na própria testa, o trabalho hábil e ligeiro. Só depois que acabou foi que ergueu a cabeça e viu o homem encarando-o.

Ele não era nativo; podia-se dizer pelo terno, que era incomum. Por algum motivo, Saif sabia que era caro.

Era alto, magro e pálido, e estava cercado de pessoas jovens e curiosas – Saif supôs que fossem voluntários e integrantes de instituições de caridade. Tinha conhecido vários assim pelo caminho. A ajuda deles era limitada e às vezes confusa.

Enfim, ele ignorou o homem e tentou conversar com a mãe do menino, que no momento chorava e apertava o braço dele. O outro braço dela estava em volta do filho, que se deitava apoiado na mãe, caindo num sono febril. Saif lhe disse que era importante manter a ferida limpa, desinfetá-la e dar ao menino um remédio, se conseguisse arrumá-lo.

Depois, Saif virou-se para o adolescente que continuava chorando e o encarou.

– Me dá a faca – pediu ele, calmo.

O garoto, ainda trêmulo, entregou-a sem discutir.

– Ou a gente faz as coisas de modo pacífico ou nem faz – declarou Saif, guardando o objeto em sua bolsa. Poderia ser útil.

Alguém pigarreou. Era o homem alto e pálido que tinha notado antes.

– Você fala inglês? – perguntou ele num tom um tanto ríspido.

Saif fez que sim.

– Tenho diplomas britânicos.

Ficaram em silêncio. Ele vinha dizendo isso em toda fronteira havia muito tempo, e ninguém se importara. Mas, naquele momento, eles se entreolharam.

– Vem comigo.

Saif olhou para trás, na direção do menino. A cor que ele adquirira e a sonolência nos seus olhos ainda preocupavam o médico. A mulher o encarava. Mas não havia mais nada que pudesse dizer.



– Há um lugar para você. Entende o que estou dizendo?

O homem falava, porém Saif estava tão cansado que mal compreendia o que ele dizia. Era como se toda a sua energia tivesse sido reservada para fazer a viagem, ficar alerta e longe de encrenca. E, naquele momento em que alguém o tinha encontrado, em que alguém lhe dava atenção, só restassem o cansaço e a tensão. Mal conseguia manter os olhos abertos.

Saif piscou. Não era hora de perder a concentração.

– E a minha família? – indagou ele.

O homem alto pareceu um pouco irritado, como se uma família fosse uma peste enfadonha, como piolho.

– Cadê ela?

– A gente... se separou. Em...

Ele não conseguia pensar naquela noite. No frio, nos clarões, no pânico. Na impossibilidade de saber para qual lado subir. Os gritos, em tantas línguas diferentes. Não, não conseguia pensar nisso. Saif se esforçou para falar com gentileza. Seu pai tinha sido professor de idiomas na universidade, um homem do mundo, ruidoso e enérgico. Tinha ofuscado o filho mais novo e forçado Saif a prestar os exames britânicos na Universidade de Beirute.

– Assim, você poderá trabalhar em qualquer lugar – dissera ele, enquanto Saif batalhava com a língua inglesa.

Saif sabia que tinha partido o coração do pai quando escolhera voltar para a Síria, seu país natal, a fim de trabalhar para os pobres de Damasco. Seu pai tivera sonhos maiores do que aquilo. Sabia aonde aquilo podia dar.

Saif sentia saudade dele todo dia.

– No barco – disse ele, baixo.

O homem ergueu a sobrancelha.

– Lamento – falou ele.

Saif balançou a cabeça com uma expressão inteligente.

– Não – respondeu ele. – Eles devem ter sido resgatados por outro barco.

Ele olhou para cima, tentando não parecer suplicante. Tinha aprendido que implorar não funcionava. Os valentões sabiam disso, e, naquele momento, seu mundo era regido por valentões.

– Consegue encontrar eles para mim?

– Não, mas, se você tiver mesmo diplomas britânicos, podemos lhe dar um emprego – anunciou o homem do governo. – Aí, você mesmo pode encontrar eles.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Lugar Muito Distante"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).